

## **Levantamento dos casos de esporotricose em pequenos animais em Pelotas/RS durante o primeiro semestre de 2013**

**CAMILA FERREIRA DULAC<sup>1</sup>; LUIZA DA GAMA OSÓRIO<sup>2</sup>, GISELE BARCELOS SEBERINO<sup>3</sup>, TAÍS TEIXEIRA ZAMBARDA<sup>3</sup>, DIEGO GAMBOA PEREIRA<sup>3</sup>; MÁRIO CARLOS ARAÚJO MEIRELES<sup>4</sup>**

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – [midulac@hotmail.com](mailto:midulac@hotmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal do Rio Grande do Sul – [luizaosorio@yahoo.com](mailto:luizaosorio@yahoo.com)

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas

<sup>4</sup>Universidade Federal de Pelotas – [meireles@ufpel.edu.br](mailto:meireles@ufpel.edu.br)

### **1. INTRODUÇÃO**

A esporotricose é uma micose subcutânea de distribuição mundial que acomete o homem e diversas espécies de animais domésticos e silvestres (MEIRELES; NASCENTE, 2009). A doença é causada por fungos do complexo *Sporothrix*, encontrados em cascas de árvores, solos ricos em matéria orgânica e vegetação em decomposição, crescendo principalmente em locais quentes e úmidos (KWON-CHUNG; BENNETT, 1992). Uma das principais características morfológicas do gênero é o dimorfismo, ou seja, tem aspectos micro e macro morfológicos distintos em função do substrato e da temperatura. (LACAZ et al., 2002).

Em zonas endêmicas, a micose ocorre primordialmente por arranhaduras e mordeduras de animais portadores ou infectados. Portanto, é uma zoonose emergente que vem ganhando grande importância, devido principalmente à disseminação em felinos habitantes de zonas endêmicas, e à estreita relação dos gatos com o ser humano. Ganhando, dessa forma maior importância em saúde pública (IKEDA; OTSUKA, 2000).

No Brasil, a esporotricose tem sido relatada na região Sudeste, principalmente no estado do Rio de Janeiro (BARROS et al, 2004; NOBRE et al, 2002), na região Sul, principalmente no estado do Rio Grande do Sul (MADRID et al, 2012), e recentemente descrita no estado de São Paulo (CRUZ, 2013). Devido ao aumento do número de casos da micose na Região Sul do Rio Grande do Sul, e à importância dos animais domésticos, principalmente os gatos, na disseminação da doença, o objetivo deste trabalho foi realizar um levantamento dos casos suspeitos de esporotricose em animais domésticos encaminhados ao Laboratório de Micologia da Universidade Federal de Pelotas durante o período de seis meses, correspondendo ao primeiro semestre do ano de 2013.

### **2. METODOLOGIA**

Para o levantamento dos casos de esporotricose durante o período de estudo foram coletados dados das amostras suspeitas submetidas entre os dias 16/01/2013 e 22/07/2013 ao Centro de Pesquisa e Diagnóstico em Micologia Veterinária (MicVet) situado na Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Os dados foram analisados quanto à espécie, raça, sexo, idade, descrição e localização das lesões.

### **3. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Foram encaminhados ao laboratório 42 casos de suspeita de esporotricose. Sendo que 37 eram em felinos e cinco em caninos. Ao todo, 18 das 42 amostras (43%) foram caracterizadas como positivas para presença *Sporothrix* spp., sendo 17 amostras provenientes de lesões coletadas de felinos e uma de canino. A predominância de suspeitas e diagnósticos em felinos corrobora com os dados encontrados na literatura, que relata maior número de casos nesta espécie (XAVIER et al.).

Já o número de suspeitas negativas reforça a importância do encaminhamento do material suspeito para diagnóstico definitivo por um Laboratório de Micologia, uma vez que as diferentes doenças que cursam com sinais clínicos semelhantes necessitam de diferentes tratamentos.

Em relação à idade dos animais diagnosticados com esporotricose, o cão apresentava onze anos e os felinos tinham idade entre um e seis anos, sendo a cão da raça labrador e todos os gatos SRD. Todos os felinos positivos para esporotricose eram machos adultos, o que reforça o relato de que os machos são acometidos cerca de duas vezes mais do que as fêmeas, principalmente aqueles não castrados e de livre acesso à rua (ACOSTA, 2013). O cão possuía contato com felino com lesões ulceradas, adquirindo a doença, provavelmente a partir deste animal.

No que se refere à localização das lesões, nos felinos analisados no estudo, foram observadas lesões em plano nasal, cabeça, orelhas e/ou face. Conforme BORGES (2007), a grande maioria das lesões se localiza em região torácica, auricular e plano nasal, corroborando com o presente estudo. CRUZ E FERREIRA (2010) também descrevem região cefálica e face como as regiões de maior ocorrência de lesões nessa espécie, incluindo ainda os membros. Demonstrando que o padrão de localização das lesões encontradas nos 17 animais está de acordo com os dados de literatura. No cão, o único sinal clínico foi corrimento nasal, sem lesão aparente. Estudos já relataram na esporotricose canina este como sendo o único sinal clínico (OSÓRIO, 2012), porém o mais comum é que venha acompanhado de lesão aparente em trufa nasal (SOUZA et al., 2009).

#### 4. CONCLUSÕES

Nas condições e período em que o estudo foi realizado, obteve-se grande número de suspeitas de esporotricose, diagnosticando-se como positivas quase 50% destas amostras encaminhadas por clínicos veterinários através do exame micológico, o que justifica a importância do exame micológico no diagnóstico diferencial para outras doenças. Os animais mais acometidos foram os felinos machos adultos, e as regiões corporais mais acometidas por lesões foram a cabeça e tórax.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACOSTA, P.B. **Eficácia da terapia antifúngica na esporotricose felina: relato de casos. Porto Alegre/RS.** Monografia. 2013. 28p Centro de Estudos Superiores de Maceió, Fundação Educacional Jayme de Alta vila.

BARROS, M. B. L. et al. Cat transmitted sporotrichosis in Rio de Janeiro, Brazil: description of a series of a cases. **Clinical Infectious Disease**, v.38, p. 529-535, 2004.

CRUZ, L. C. H. da. Complexo *Sporothrix schenckii*. Revisão de parte da literatura e considerações sobre o diagnóstico e a epidemiologia. **ISSN Eletrônico 2178-3764**, Veterinária e Zootecnia Julho de 2013, Edição 20, p.11-12.

CRUZ, C.S.A; FERREIRA, M.L. **OCORRÊNCIA DE ESPOROTRICOSE EM ANIMAIS DOMÉSTICOS: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA**. XIV Encontro Latino Americano de Iniciação Científica e X Encontro Latino Americano de Pós-Graduação – Universidade do Vale do Paraíba, 2010.

IKEDA, F.; OTSUKA, M. **Esporotricose o mau das garras**. Nosso Clínico. n. 17, p.8-10, 2000.

KWON-CHUNG, K.J.; BENNETT, J.E. **Sporotrichosis**. In: JOHN WILLARD RIPPON, Medical mycology, Philadelphia : Lea & Fibeger. p.707-729, 1992.

LACAZ, C. S.; PORTO, E.; MARTINS, J. E. C.; HEINS-VACCARI, E. M.; MELO, N. T. Esporotricose e outras micoses gomosas. **Tratado de Micologia Médica**. 9. ed. São Paulo: Savier, p. 479-497, 2002.

MADRID, I.M.; MATTEI, A.S.; FERNANDES, C.G.; NOBRE, M.O.; MEIRELES, M.C.A. Epidemiological Findings na Laboratory Evaluation of Sporotrichosis: A Description of 103 Cases in Cats and Dogs in Southern Brazil. **Mycopathologia**, v.173, p.265 – 273, 2012.

MEIRELES, M.C.A.; NASCENTE, P. S.; **Micologia Veterinária**. Pelotas: UFPEL- Editora e Gráfica Universitária. 2009, p.109-123.

NOBRE, M.O. et al. Esporotricose zoonótica na região Sul do Rio Grande do Sul (Brasil) e revisão da literatura brasileira. **Revista Brasileira de Ciências Veterinárias**, v.9, n.1, p.36-41, 2002.

OSÓRIO, L. da G. **Diagnósticos de Esporotricose na Região Sul do Rio Grande do Sul**. Universidade Federal do Semi-Árido, Porto Alegre, 2012.

SOUZA, N. T.; NASCIMENTO, A.C.B. M.; SOUZA, J.O.T.; SANTOS, F. C. G. C. A.; CASTRO, R. B.; Esporotricose canina: relato de caso; **Arquivo Brasileiro de Medicina Veterinária e Zootecnia**, v61; n. 3; p. 572 – 576; 2009.

XAVIER, M.O.; NOBRE, M.O.; SAMPAIO, D.P., Jr.; ANTUNES, T.A.; NASCENTE, P.O.S.; SÓRIA, F.B.A.; MEIRELES, M.C.A. Esporotricose felina com envolvimento humano na cidade de Pelotas, RS, Brasil. **Ciência Rural**, Santa Maria, v.34, n.6, p.1961 – 1963, 2004.